



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O APAGAMENTO DO R EM CODA SILÁBICA FINAL: ANÁLISE DAS
COMUNIDADES FRONTEIRIÇAS DA REGIÃO SUL (PROJETO ALiB)

Caio Korol Gonçalves da Silva

Rio de Janeiro

2021

CAIO KOROL GONÇALVES DA SILVA

O APAGAMENTO DO R EM CODA SILÁBICA FINAL: ANÁLISE
DAS COMUNIDADES FRONTEIRIÇAS DA REGIÃO SUL (PROJETO
ALiB)

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/ Inglês.

Orientadora: Professora Doutora Carolina
Ribeiro Serra

RIO DE JANEIRO
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Caio Korol Gonçalves da. O apagamento do *R* em coda silábica final: análise das comunidades fronteiriças da Região Sul (Projeto ALiB). / Caio Korol Gonçalves da Silva. – 2021. 38f.

Orientador: Carolina Ribeiro Serra.

Monografia (Graduação em Letras habilitação Português-Inglês_ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. Bibliografia: f. 38-39

1. Apagamento do *R*. 2. Coda silábica. I. Silva, Caio Korol Gonçalves da. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021. Título.

AGRADECIMENTOS

Desenvolver uma pesquisa não é uma tarefa fácil. É desafiador em todos os sentidos e, muitas vezes, terminamos nossa análise com mais perguntas do que respostas. O que serve de alento, além do prazer de contribuir para o desenvolvimento científico do país, são as pessoas que permanecem e cruzam o nosso caminho durante o processo. Por isso, dou meu “muito obrigado”:

À minha família, que, apesar de muitas vezes não compreender a natureza do meu trabalho, sempre está ao meu lado na hora que mais preciso. Agradeço à minha mãe, Daniela, à minha avó, Ana, à minha madrinha, Mariana e ao meu sobrinho-primado, Davi, por todo o amor. Infelizmente e com muito pesar, minha avó, Marli, meu padrinho, Rodrigo, e meu pai, Robson, nunca tiveram a chance de ver este trabalho concluído. Dessa forma, gostaria de dedicá-lo a essas três pessoas que tanto amei e que tanto me amaram.

Às minhas amigas Antonella, Elise, Clara e Juliana por todos os bons momentos durante a época de escola, sobretudo no ensino médio. A mi amiga colombiana Anyie por haber me cuidado mientras viví en Foz.

Aos meus amigos da UFRJ e de pesquisa, Nicole, Lucas, Bruna, Aline, Ingrid e Vitor.

A todos os meus professores tanto da escola, quanto da UFRJ e da UNILA, mas, sobretudo, à minha orientadora, Carolina, que me acompanhou desde a primeira semana na graduação e terá que me aturar até o pós-doutorado.

Ao meu namorado, Jullian, por todo amor, carinho, paciência e parceria.

À minha terapeuta, Janaína, por me trazer sabedoria e esclarecimento nos momentos de maior escuridão.

Ao meu gato-filho, Élio; minha porquinho-da-índia-filha, Hamtaro e minha gata-irmã, Sol, por todos os momentos de divertimento e descontração.

A Deus e aos meus guias espirituais, por toda proteção e luz.

A UFRJ, por existir.

Aos meus informantes, por nos contarem suas histórias e tornarem esta pesquisa possível.

A esta banca incrível, composta por Sílvia Brandão e Marcelo Melo.

Por último, mas certamente não menos importante, ao CNPq, por financiar este projeto do início ao fim, apesar do desmonte da ciência no Brasil.

... E por não terem encontrado, em toda a Galáxia, nada mais precioso que a Mente, estimularam dela o alvorecer, em todo lugar. Fizeram-se fazendeiros nos campos das estrelas; semeavam, e às vezes colhiam. E outras vezes, desapaixonados, capinavam.

Epílogo do livro 2010: Uma Odisseia no Espaço II, página 353, Arthur C. Clarke

RESUMO

KOROL, C. **O apagamento do R em coda silábica final: análise das comunidades fronteiriças da Região Sul (Projeto ALiB)**. Monografia – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

Esta monografia tem como objetivo descrever o avanço do processo de apagamento do rótico em coda silábica final – discriminando a distribuição do fenômeno em verbos (*pensaR* ~ *pensaØ*) e não verbos (*saboR* ~ *saboØ*) – nas comunidades fronteiriças de São Miguel do Iguçu e Barracão, ambas no Paraná, e Chuí, no Rio Grande do Sul. A investigação busca contribuir para a empreitada de mapeamento do processo de cancelamento do R no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no que diz respeito aos interiores, tendo em vista que os resultados referentes às capitais já foram levantados e se encontram publicados. Desejamos determinar quais fatores linguísticos e sociais atuam na perda segmental, além de identificar as variantes pelas quais se realizam o rótico quando mantido. Nosso aporte teórico-metodológico é o da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003) e fizemos uso de doze amostras de fala semiespontânea do *corpus* do Projeto ALiB, sendo quatro informantes por município, divididos por sexo (masculino e feminino) e idade (18 a 30 anos e 50 a 64 anos); todos falantes com ensino fundamental (completo ou incompleto) e monolíngues do Português Brasileiro. Os dados recolhidos (1.254 em verbos e 508 em não verbos) foram submetidos ao programa estatístico GoldVarb X. Os resultados revelam altos *inputs* de aplicação da regra para classe dos verbos, sendo de .95 em São Miguel do Iguçu; .90 em Barracão; e .94 em Chuí. Já nos não verbos, o cancelamento é ainda incipiente, com *inputs* de .15, .08 e .25, para esses municípios, respectivamente. Dentre os fatores linguísticos que influenciam o processo, o contexto fonético antecedente foi selecionado mais de uma vez. Relativamente às variáveis sociais, parecem ter influência o sexo e a idade do informante. De forma geral, o tepe alveolar é a variante mais produtiva, seguida da aproximante retroflexa. No que diz respeito à comparação do comportamento linguístico das cidades fronteiriças com as demais investigadas nos estados da região Sul do Brasil, os índices de zero fonético não se distinguem muito. O que é inegável, no entanto, é o caráter conservador dos falares sulistas quanto à manutenção do rótico – mais especificamente, à produção de variantes de traço [+ anterior] –, na classe dos não verbos, tanto nos interiores quanto nas capitais.

Palavras-chave: Apagamento do rótico; Projeto ALiB; Região Sul.

ABSTRACT

This study aims to analyze the variable R-deletion process in final coda position, both in verbs (pensaR ~ pensaØ) and non-verbs (saboR ~ saboØ) – in the border communities of São Miguel do Iguçu and Barracão, both in Paraná, and Chuí, in Rio Grande do Sul. Our sample is comprised of twelve interviews (four from each community), stratified by age (18-30 and 50-65 years old), sex (men and women). By making use of sociolinguistic methodology (LABOV, 1972, 2001), our goal is to discuss the role of linguistic and social conditioning factors in the application of R-deletion. The collected data (1.254 in verbs and 508 in non-verbs) were submitted to the GoldVarb X statistical program. The rule application inputs were high for the verb class, being .95 in São Miguel do Iguçu; .90 in Barracão; and .94 in Chuí. In non-verbs, the deletion is still incipient, with inputs of .15, .08 and .25, for these communities, respectively. Among the linguistic factors that influence the process, the antecedent phonetic context was selected more than once. With regard to social variables, informant's sex and age seem to play an important role. In general, the alveolar tap is the most productive variant, followed by the retroflex approximant.

Keywords: R-deletion; Projeto ALiB; Southern Region.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição das variantes do <i>R</i> em coda silábica final em verbos e não verbos, respectivamente, no município de São Miguel do Iguaçu (PR).....	26
Tabela 2: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos no município de São Miguel do Iguaçu (PR), de acordo com o contexto fonético antecedente	27
Tabela 3: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos no município de São Miguel do Iguaçu (PR), de acordo com a forma verbal.....	28
Tabela 4: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos, no município de São Miguel do Iguaçu (PR), de acordo com o sexo do informante	28
Tabela 5: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em não verbos, no município de São Miguel do Iguaçu (PR), de acordo com o contexto fonético antecedente	29
Tabela 6: Distribuição das variantes do <i>R</i> em coda silábica final em verbos e não verbos, respectivamente, no município de Barracão (PR).....	30
Tabela 7: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos, no município de Barracão (PR), de acordo com a dimensão do vocábulo	30
Tabela 8: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos, no município de Barracão (PR), de acordo com a faixa etária do informante.....	31
Tabela 9: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos, no município de Barracão (PR), de acordo com o sexo do informante	31
Tabela 10: Distribuição das variantes do <i>R</i> em coda silábica final em verbos e não verbos, respectivamente, no município do Chuí (RS)	32
Tabela 11: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético antecedente.....	33
Tabela 12: Lista de verbos mais frequentes coletados nas entrevistas do Chuí (RS)	33
Tabela 13: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto subsequente	33
Tabela 14: Distribuição do apagamento do <i>R</i> em coda silábica final em não verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto subsequente	34

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Figuras 1 e 2: Distribuição do apagamento do rótico em coda final em nomes (direita) e em verbos (esquerda) – Cartas F04 C1 e C2 (Cardoso <i>et al.</i> , 2014)	15
Gráfico 1: Percentuais de apagamento do rótico em coda silábica final, de acordo com a classe morfológica, nas três comunidades estudadas	25
Quadro 1: Avanço do processo de apagamento do R, em cidades da região Sul, da década de 1970 até os anos 2000 (Adaptado e ampliado com base em OLIVEIRA, 2018).....	36

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

Palavra Prosódica (Pw)

Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)

Paraná (PR)

Rio Grande do Sul (RS)

Santa Catarina (SC)

Sintagma Fonológico (PhP)

Sintagma Entoacional (IP).

Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARISUL)

Ø – Símbolo de apagamento do R

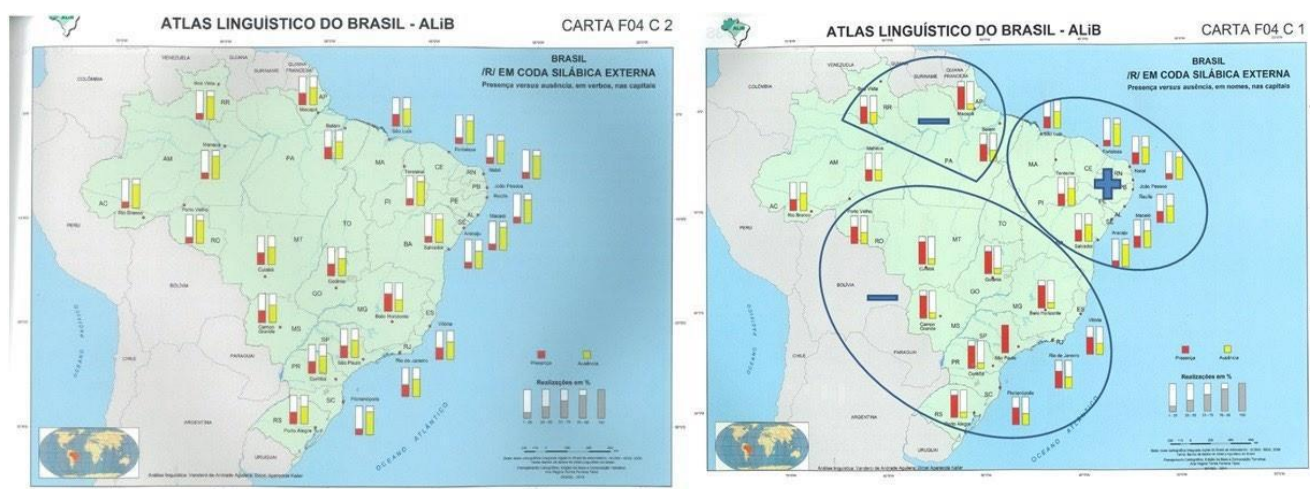
SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REVISÃO DA LITERATURA:RESULTADOS ANTERIORES SOBRE O APAGAMENTO E A REALIZAÇÃO DO RÓTICO NO SUL DO BRASIL.....	16
3	APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO <i>ECORPUS</i>	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
4.1	O R EM CODA SILÁBICA FINAL NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU (PR)	26
4.2	O R EM CODA SILÁBICA FINAL NO MUNICÍPIO DE BARRAÇÃO (PR).....	29
4.3	O R EM CODA SILÁBICA EXTERNA NO MUNICÍPIO DE CHUIÍ(PR)	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo capturar o avanço do processo de cancelamento do rótico, bem como de identificar suas variantes, quando realizadas, em contexto de coda silábica externa, no interior da Região Sul, a partir de dados do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Ao proceder ao mapeamento da implementação do zero fonético, pretendemos determinar quais fatores linguísticos e sociais atuam nessa perda segmental, tendo como base os falares de São Miguel do Iguazu (PR), Barracão (PR) e Chuí (RS). Além da situação de forte contato linguístico com o espanhol nessas comunidades, nosso interesse por esses municípios surgiu do fato de os interiores carecerem de pesquisas sociolinguísticas referentes ao cancelamento do rótico.

Como se pode observar nas cartas abaixo, pertencentes ao ALiB, o apagamento do *R* está bastante difundido em todo Brasil. Todavia, na Região Sul, ainda há uma distinção significativa entre os índices de verbos e não verbos. Vale ressaltar, contudo, que os resultados dizem respeito às capitais, não dando conta da descrição linguística do português falado nos interiores. Este trabalho, ao lado de outros desenvolvidos pela equipe do ALiB-Rio, se propõe a preencher essas lacunas.



Figuras 1 e 2: Distribuição do apagamento do rótico em coda final em nomes (direita) e em verbos (esquerda) – Cartas F04 C1 e C2 (Cardoso *et al.*, 2014).

Além desta seção introdutória, o presente trabalho se divide em mais quatro capítulos. Na Seção 2, apresentaremos, de maneira resumida, os principais trabalhos que abordam o apagamento do rótico no Sul do país, sendo de suma importância as seguintes pesquisas: Monaretto (1992), Monaretto (1997), o Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil através de Koch, Klassmann e Altenhofen (2002), Santana (2017) e Oliveira (2018).

Na Seção 3, daremos conta de explicitar o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (1972, 1994, 2001, 2003), bem como de descrever os passos desta pesquisa. Nesse mesmo capítulo, abordaremos as particularidades linguísticas das comunidades estudadas. Na Seção 4, serão expostos, interpretados e discutidos os resultados referentes a São Miguel do Iguaçu, Barracão e Chuí. Finalmente, na Seção 5 teceremos alguns comentários sobre o que foi observado bem como o percurso da mudança linguística relativa aos róticos. Vamos começa[Ø]?

2 REVISÃO DA LITERATURA: RESULTADOS ANTERIORES SOBRE O APAGAMENTO E DA REALIZAÇÃO DO RÓTICO NO SUL DO BRASIL

No âmbito dos estudos acerca do *R* nos falares do Sul do Brasil, os trabalhos de Monaretto (1992, 1997) trazem importantes contribuições. Em Monaretto (1992), desenvolve-se uma investigação acerca da vibrante como posterior ou anterior, também atentando para seus *tatus* fonológico, a partir de um *corpus* composto por quatro cidades do Rio Grande do Sul, sociolinguisticamente distintas, a saber: 1) Porto Alegre - representando a região metropolitana; 2) Taquara - de colonização alemã; 3) Santana do Livramento - município que faz fronteira com o Uruguai e 4) Monte Bérico - de colonização italiana. A amostra utilizada pela autora faz parte dos dados coletados por Bisol (1981, *apud* Monaretto 1992). Os resultados indicam que a realização do rótico como posterior ou anterior é influenciada pela própria posição na sílaba, contexto precedente, grupo étnico e sexo, nessa ordem.

Começando pela primeira variável selecionada, a posição do segmento na sílaba, os percentuais gerais mostram que, na posição pós-vocálica (*veRmelho*, *fazeR*), 34.4% das ocorrências tiveram a vibrante branda com articulação anterior como realização; 64.6% foram de vibrante forte anterior e apenas 0.95%, de vibrante forte posterior. Dando um *zoom* nas ocorrências de vibrante branda anterior (34.4%) em posição de coda, vemos que essa realização, nesse contexto, é pouco expressiva em Porto Alegre e mais produtiva nas regiões de colonização bilíngue. Em posição pré-vocálica e intervocálica (*Rouco*, *carro*), 23% das ocorrências foram de vibrante branda em contraste com 37.8% e 39.1% de vibrante forte anterior e forte posterior, respectivamente. Olhando mais atentamente, observamos que, também em ataque, a vibrante branda é bem menos expressiva na metrópole e mais presente nas demais regiões. Quanto ao contexto precedente, isto é, a qualidade da vogal do núcleo da sílaba, os resultados indicam que vogais de traço [+ anterior] favorecem uma realização anterior, independentemente de a vibrante ser forte ou branda. Por outro lado, e em menor grau, a realização posterior seria favorecida por vogais de traço [+ posterior]. (MONARETTO, 1992, p. 72).

Continua a autora esclarecendo que, em referência ao grupo étnico, os índices mostram que os metropolitanos fazem menos uso da vibrante anterior – sem especificar, no entanto, a que contexto silábico se refere –, o que pode sugerir que essa variante não tem muito prestígio em Porto Alegre. Monaretto acrescenta que, em ataque, a

articulação anterior é mais presente no falar das regiões bilíngues em função das línguas ou dialetos de origem: “O dialeto italiano não possui vibrante forte posterior, dificultando a pronúncia de um *r* forte. O dialeto alemão apresenta a vibrante forte anterior ou posterior no lugar da simples da Língua Portuguesa, o que ocasiona a troca de fonemas” (MONARETTO, 1992, p. 73). Quanto à coda, conclui-se que a variante mais expressiva é a vibrante anterior. A quarta e última variável selecionada pelo programa estatístico foi o sexo do falante. Em Porto Alegre, as mulheres lideram o uso da vibrante anterior forte ao passo que, na fronteira – ou seja, em Santana do Livramento –, é o sexo masculino que prefere essa forma de produção: “Em suma, quanto à preservação da vibrante anterior forte como tração característico do sul, o papel do sexo parece expressivo: o homem na fronteira e a mulher na capital” (MONARETTO, 1992, p. 74-75). Nas demais regiões, com exceção da alemã, são as mulheres que mais fazem uso dessa variante.

Em Monaretto (1997), temos uma nova versão do estudo sobre o comportamento fonético-fonológico da vibrante nos falares do Sul do Brasil. Faz-se uso do *corpus* do projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARISUL), cujos dados foram coletados entre os anos 1980 e 1990, com informantes das três capitais sulistas: Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). A descrição da pronúncia do *R* se deu a partir das seguintes variantes: 1) vibrante anterior, 2) vibrante posterior, 3) tepe e 4) retroflexo. A autora parte das hipóteses de que a posição do rótico na sílaba e a etnia do falante são as variáveis mais significativas para o tipo de produção desse segmento. Além disso, Monaretto (1997) defende que, em posição de coda, o tepe é a variante preferida.

A partir de rodadas estatísticas realizadas no programa VARBRUL, a autora verificou que, das 3994 ocorrências, 40% foi de tepe, 39% de vibrante posterior, 16% de vibrante anterior e 5% de retroflexa. Analisando as comunidades separadamente, os resultados indicam que o tepe é a variante preferida em Curitiba e Porto Alegre ao passo que, em Florianópolis, prefere-se a vibrante posterior. Ao observar os índices de cada variante de acordo com a posição do rótico na sílaba, Monaretto (1997) constata que, de fato, o tepe é privilegiado em coda, enquanto, em ataque, a vibrante posterior é mais produtiva. Fazendo uma tabulação cruzada entre o grupo geográfico e a posição que o rótico ocupa na sílaba, observa que, em Porto Alegre, há predominância do tepe, sobretudo em contexto de coda (52%); em Florianópolis, nesse mesmo contexto, ocorre

com mais frequência a vibrante posterior (61%); já em Curitiba, prefere-se a retroflexa (79%) em contexto de coda.

O Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) também é uma importante fonte de informação no que diz respeito às realizações do *R*. O *corpus* do ALERS conta com 99 pontos de inquérito no Paraná; 79 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul. Como este trabalho focaliza o rótico em coda final, vamos nos ater aos resultados observados nesse contexto. Os questionários fonético-fonológicos permitem observar as realizações desse segmento em coda nos vocábulos *revólveR* e *caloR*. No que diz respeito ao primeiro vocábulo, diversas variantes são identificadas na Região Sul, porém quatro se mostram mais expressivas: 1) *revol*[vɪ]; 2) *revol*[ver]; 3) *revol*[ve/və]; e 4) *revol*[v]. Quanto à segunda palavra, as produções que se destacam quantitativamente são as seguintes: 1) *calo*[r]; 2) *calo*[ɾ]; 3) *calo*[r]; e, por último, 4) *calo*[Ø].

Ao lado dos três trabalhos já mencionados, as pesquisas de Santana (2017) e Oliveira (2018) agregam muito para o entendimento do comportamento variável do rótico em coda final no Sul do Brasil. Ambas as análises fazem uso do *corpus* do Projeto ALiB, entretanto, enquanto a primeira dissertação focaliza os falares de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, com dados mais recentes, a segunda dá conta das variedades interioranas referentes aos municípios de Campo Mourão (PR), Guarapuava (PR), Criciúma (SC), Lages (SC), Santa Maria (RS) e Caçapava do Sul (RS).

O estudo de Santana (2017), que focaliza a fala de informantes com 3º grau completo e de informantes com ensino fundamental (completo ou incompleto), conta com um total de 5.282 dados em verbos e 1.247 em não verbos. O percentual geral de apagamento na primeira categoria, referente às três capitais, foi de 89% (*input* .92) enquanto nos não verbos, o índice foi de 19% (*input* .11). Analisando os resultados separadamente por cidade, temos, em Curitiba, para verbos e não verbos, respectivamente, um índice de 87% (*input* .91) e 5% (*input* .05). Relativamente às variáveis apontadas como favorecedoras ao fenômeno de cancelamento, houve apenas a seleção para os verbos, seguindo esta ordem: 1) contexto fonético antecedente (com as vogais [a] (P.R. .56) e [ɛ] (P.R. .57) favorecendo); 2) vocábulos polissílabos (P.R. .58); 3) contexto subsequente de consoante (P.R. .58); 4) informantes mais novos (P.R. .64); 5) falantes menos escolarizados (P.R. .61). Quando o segmento é mantido, a variante mais produtiva é o tepe, tanto nos verbos quanto nos não verbos.

Quanto à Florianópolis, o apagamento atingiu 94% (*input* .98) na categoria verbal e 41% (*input* .38) em não verbos. No caso da capital catarinense, os seguintes fatores, nessa ordem, foram apontados como relevantes na categoria verbal: 1) sexo, com as mulheres liderando (P.R. 67); 2) contexto fonético antecedente, sendo [a] (P.R. .54), [e] (P.R. .52) e [i] (P.R. 59) os segmentos que mais favorecem; 3) falantes menos escolarizados (P.R. .68); 4) informantes mais novos (P.R. .59); 5) contexto subsequente de consoante (P.R. .59); 6) outras formas verbais (P.R. .85); 7) fronteira de sintagma fonológico (P.R. .59) e de sintagma entoacional (P.R. .52). No caso dos não verbos, a ordem de seleção foi: 1) informantes menos escolarizados (P.R. .67); 2) vocábulos polissílabos (P.R. .59); 3) falantes mais velhos (P.R. .57); e 4) contexto fonético antecedente, com as vogais [a] (P.R. .53) e [o] (P.R. .57) favorecendo. Ademais, quando ocorre a manutenção do rótico, o tepe é a produção favorita nos verbos e a fricativa velar, nos não verbos.

Em Porto Alegre, os índices de cancelamento em verbos e não verbos também divergiram consideravelmente: apenas 7% (*input* .03) nesta categoria e 86% (*input* .87) naquela. Para os verbos, sete variáveis foram selecionadas como influenciadoras: 1) contexto subsequente de consoante (P.R. .59); 2) contexto fonético antecedente, sendo [e] (P.R. .56) e [ɛ] (P.R. .78) as vogais favorecedoras; 3) vocábulos polissílabos (P.R. .54); 4) informante mais novos (P.R. .59); 5) falantes menos escolarizados (P.R. .56); 6) sexo masculino (P.R. .56); e 7) verbos no infinitivo (P.R. .51). Para os não verbos, quatro variáveis foram selecionadas: 1) contexto subsequente de consoante (P.R. .66); 2) informantes menos escolarizados (P.R. .68); 3) contexto fonético antecedente, sendo [a] (P.R. .55), [e] (P.R. .72), [ɛ] (P.R. .84), e [o] (P.R. .59), os segmentos favorecedores; e 4) sexo masculino (P.R. .63). Assim como em Curitiba, também em Porto Alegre, o tepe foi a variante favorita nas duas categorias.

Passando para o estudo de Oliveira (2018), vemos que a análise conta com um total de 3.099 dados de rótico em coda final em verbos e 680 em formas não verbais, coletados dos questionários/entrevistas de 4 falantes de cada município, todos com ensino fundamental (completo ou incompleto). Similarmente ao observado em Santana (2017), o percentual geral de apagamento, amalgamando os seis municípios interioranos, mostra um forte contraste entre a aplicação da regra variável em verbos (92%) e não verbos (11%).

Em Guarapuava (PR), o cancelamento atingiu 94% (*input* .94) em verbos e somente 11% (*input* .11) em não verbos. Para a categoria verbal, apenas o contexto

fonético antecedente se mostrou relevante para aplicação da regra variável, sendo as vogais [a] (P.R. .62) e [i] (P.R. .52) as mais favorecedoras. No que diz respeito ao não verbos, quatro fatores foram selecionados, nesta ordem: 1) contexto fonético antecedente, com as vogais [e] (P.R. .92) e [ɛ] (P.R. .93) favorecendo mais; 2) informantes mais velhos (P.R. .86); 3) fronteira de palavra prosódica (P.R. .98); e 4) informantes do sexo masculino (P.R. .75). Nos verbos, o tepe é a variante mais produtiva, enquanto, em não verbos, predomina a aproximante retroflexa.

Para o outro município paranaense, Campo Mourão, 90% (*input* .90) dos verbos sofreu apagamento e apenas 3% (*input* .03) de não verbos ilustram o fenômeno. Os seguintes fatores foram apontados como condicionantes: 1) vocábulos polissílabos (P.R. .58); 2) informantes mais novos (P.R. .81); 3) sexo masculino (P.R. .65); e 4) contexto fonético antecedente, sendo o segmento [a] (P.R. .55) o mais relevante. Apesar do baixo índice de cancelamento em não verbos, o contexto fonético antecedente – a vogal [ɛ] se mostrou a mais favorecedora (P.R. .91) – e a faixa etária – com os homens atingindo P.R. de .97 – foram selecionadas pelo programa estatístico, nessa ordem. Em Campo Mourão, o r-retroflexo é a pronúncia preferida nas duas categorias.

No município catarinense de Criciúma os índices foram de 97% (*input* .97) em verbos e 22% (*input* .22) em não verbos. Quando o rótico é produzido, a preferência é pela aproximante retroflexa nos dois grupos. Para os verbos, três variáveis foram selecionadas, seguindo esta ordem: 1) contexto fonético antecedente, com os segmentos [e] (P.R. .53) e [a] (P.R. .56) liderando; 2) informantes mais velhos (P.R. .65); e 3) contexto subsequente de consoante (P.R. .63). No caso dos não verbos, apenas os segmentos [a] (P.R. .68) e [e] (P.R. .79) se mostraram condicionantes.

Quanto a Lages (SC), esse foi o município que apresentou menor percentual de apagamento em verbos: 87% (*input* .87). Já para os não verbos, registrou-se um índice de apenas 6% (*input* .06). Na primeira categoria, os informantes mais jovens lideram o processo (P.R. .78) e o contexto subsequente de consoante (P.R. .63) é o que mais favorece a perda segmental. Para os não verbos, poucos foram os dados de apagamento. Mesmo assim, o programa estatístico apontou que as ocorrências de perda segmental foram mais frequentes com as vogais [o] (P.R. .33) e [ɛ] (P.R. .99), além de serem as mulheres que lidaram o fenômeno (P.R. .90). A variante mais expressiva foi o tepe alveolar tanto em verbos quanto em não verbos.

Caçapava do Sul (RS) apresentou um percentual de apagamento de 95% (*input* .89) em verbos e de somente 8% (*input* .08) em não verbos. Para a categoria verbal, os

segmentos [a] (P.R. .51), [i] (P.R. .56), [ɛ] (P.R. .64), e [e] (P.R. .68), foram apontados como condicionantes para o cancelamento. Para os não verbos, [a] (P.R. .69), [ɛ] (P.R. .92) e [e] (P.R. .85) foram apontadas como relevantes. Nas duas classes, o tepe alveolar foi a variante favorita.

Em Santa Maria (RS), os índices de apagamento em verbos atingiram 95% (*input* .95) enquanto, nos não verbos, foi baixo, sendo este de 16% (*input* .16). Para os verbos, apenas o contexto fonético antecedente se mostrou relevante, sendo as vogais [i] (P.R. .51) e [e] (P.R. .51) as que mais favorecem a perda segmental. Essa mesma variável foi apontada como relevante para os não verbos, com [e] (P.R. .93) e [ɛ] (P.R. .62) condicionando o processo. A fronteira de sintagma fonológico (P.R. .63) também se mostrou favorecedora do apagamento na classe dos não verbos. No que diz respeito às variantes encontradas, na classe verbal, o tepe predominou, mas, nos não verbos, houve um equilíbrio entre essa variante e a aproximante retroflexa.

3 APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO ECORPUS

Nesta pesquisa, com base em doze amostras de fala semiespontânea – gravadas na primeira década dos anos 2000 e pertencentes ao *corpus* do Projeto ALiB – analisamos o processo de apagamento do rótico em coda silábica final em verbos e não verbos nos falares de comunidades sulistas. Três são os municípios fronteiriços observados: São Miguel do Iguaçu, no oeste paranaense; Barracão, a sudoeste do mesmo estado, e Chuí, no extremo sul do Rio Grande do Sul.

Para identificarmos os fatores linguísticos e sociais que condicionam o fenômeno em foco, lançamos mão da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003) e realizamos o tratamento estatístico dos dados com o pacote de programas GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Além disso, lidamos com falares de comunidades fronteiriças nas quais há um intenso contato entre brasileiros e falantes de diferentes variedades do espanhol, se fazendo necessário que buscássemos entender no que consiste o contato linguístico e as possíveis consequências para o português falado nessas regiões. Para tanto, visitamos os trabalhos de Sankoff (2001) e Couto (2009).

No que diz respeito ao desenvolvimento da pesquisa, seguimos as etapas a seguir: 1) seleção dos três municípios; 2) transcrição de cada uma das 12 entrevistas¹, sendo quatro por comunidade; 3) levantamento de todas as ocorrências do *R* em posição de coda silábica final e a identificação de oitiva da realização/cancelamento; 4) codificação dos dados recolhidos de acordo com as variáveis consideradas relevantes e análise estatística a partir do pacote de programas já mencionado e 5) sistematização e interpretação dos resultados obtidos à luz dos aportes teóricos.

Consideramos nove variáveis como relevantes para a perda segmental, sendo três delas de caráter social: sexo (masculino e feminino), faixa etária (mais velhos e mais jovens) e origem geográfica (São Miguel do Iguaçu, Barracão e Chuí) do informante. Em pesquisas anteriores, o sexo masculino frequentemente liderava a mudança linguística, enquanto as mulheres tinham um falar mais conservador. A faixa etária também já se mostrou relevante, com informantes mais novos sendo mais adeptos a formas inovadoras. Por isso, nossa hipótese é de que os homens e falantes mais novos tendem a cancelar o rótico com mais frequência. No que diz respeito à localidade, sabe-

¹ Agradeço à colega e amiga, Nicolle Melo, pela ajuda na transcrição e na revisão das entrevistas bem como na codificação dos dados. Sua ajuda foi fundamental.

se que o comportamento linguístico varia de acordo com a comunidade. Então, desejamos verificar se os índices de perda segmental vão diferir de acordo com o município do informante.

As outras cinco variáveis, de cunho linguístico, são as seguintes: classe morfológica do vocábulo; forma verbal (no caso de verbos); dimensão do vocábulo (monossílabo ou polissílabo); contexto fonético antecedente (qualidade da vogal do núcleo); contexto subsequente (pausa ou consoante); tipo de consoante subsequente (sem levar em conta, no entanto, o contexto subsequente de vogal) e fronteira prosódica (palavra prosódica (Pw), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP)).

Como observado nas Cartas F04 C1 e C2 do ALiB, expostas na seção introdutória deste trabalho, os altos índices de apagamento em verbos são flagrantes ao passo que, em não verbos, ainda são tímidos. Isso reforça a necessidade de discriminar as duas categorias no momento da codificação sociolinguística, para que os resultados não sejam enviesados. No que diz respeito à forma verbal, deseja-se verificar se haverá distinção entre os percentuais de aplicação da regra caso o verbo esteja no infinitivo, no presente do indicativo ou no futuro do subjuntivo. A dimensão do vocábulo também tem influência na aplicação ou não do apagamento. Segundo a hipótese da saliência fônica, em vocábulos monossílabos, o rótico tem maior saliência e, portanto, tende a ser mantido. Enquanto isso, em palavras polissílabas, sua menor saliência fônica licencia seu cancelamento. Quanto ao contexto fonético antecedente, acreditamos que segmentos de traço [- arredondado] favorecem o apagamento. Relativamente ao contexto subsequente, nossa hipótese é de que, quando seguido de consoante, o rótico terá maior probabilidade de ser cancelado. Vamos verificar, também, se o ponto e modo de articulação da consoante seguinte terá alguma influência na aplicação da regra variável. Por último, acredita-se que, quando em fronteiras mais baixas de Pw e PhP, o rótico será mais frequentemente apagado enquanto, na fronteira mais alta de IP, o segmento será realizado, por conta das características entoacionais do final de frase que, em hipótese, demandariam a maior presença de material segmental, para ancoragem de acentos tonais e tons de fronteira. Dito isso, é importante justificar a escolha da Sociolinguística Quantitativa Laboviana como aporte-teórico principal deste trabalho.

A Sociolinguística Quantitativa Laboviana ampliou, por assim dizer, a metodologia para o tratamento da variação e da mudança, a partir da proposta inicial do texto clássico *Empirical Foundations for Theory of Language Change* (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968). Tem como premissa principal o fato de todas as línguas

naturais possuírem um dinamismo inerente, sendo, portanto, heterogêneas e variáveis. É justamente essa variabilidade, entendida como um princípio geral e universal, o objeto de estudo da Sociolinguística que parte do pressuposto de que fatores estruturais (fatores linguísticos) e sociais (fatores extralinguísticos) influenciam as alternâncias de uso (LABOV, 2008[1972]).

Em sua obra *Padrões Sociolinguísticos*, Labov (2008, [1972]) relata que a insatisfação em relação aos modelos teóricos existentes na década de 60, que não incluíam nas análises a variação, fez com que pesquisadores buscassem outros caminhos e que, segundo Labov (2008, [1972], p. 13),

Uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960. A grande maioria dos linguistas tinha se voltado resolutamente para contemplação de seus próprios idioletos. [...] Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social [...].

Em outras palavras, de uma perspectiva estruturalista ou gerativista, era impossível que houvesse, ao mesmo tempo, variabilidade e sistematicidade na língua, todavia, sabemos que a variação e a mudança são intrínsecas a todas as línguas humanas e que estas se encontram, constantemente, sujeitas à pressão de duas forças que agem no sentido da variabilidade e da unidade (MOLLICA, 2017). Se, por um lado, existe uma força centrífuga que impulsiona a língua à variação e, quiçá, à mudança, por outro há, também, uma força centrípeta que mantém a unidade linguística: “[...] as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo, coesas: de um lado o impulso à variação e, possivelmente, à mudança; de outro o impulso à convergência, base para a noção de comunidade linguística caracterizada por padrões estruturais e estilísticos” (MOLLICA, 2017, p. 12). A Sociolinguística Quantitativa Laboviana visa, então, à sistematização e ao apontamento da probabilidade da ocorrência de variantes que coexistem em um meio social.

Como as comunidades analisadas são fronteiriças é fundamental abordar, mesmo que brevemente, o contexto multilíngue em que se encontram e conceituar o termo “contato linguístico”. É sabido que, em um mundo globalizado, de constante interação social, econômica e cultural, povos entram em contato. Conseqüentemente, as culturas e línguas estarão, também, em frequente convivência e, gradualmente, exercerão influência umas sobre as outras. Nesse sentido, define-se o contato linguístico como a coexistência de uma ou mais línguas em um mesmo espaço geográfico, resultando em

uma situação de bilinguismo social (MONSTRUL, 2013 *apud* CALAZANS, 2018). Ademais, sendo a língua parte essencial da cultura de um povo, o contato linguístico é, por sua vez, também um contato intercultural (WEINREICH, 1968).

No que concerne às questões estruturais em relação ao contato de línguas, podemos nos perguntar como ocorrem as mudanças ou interferências de uma língua sobre a outra. Sankoff (2001) argumenta que os domínios fonético-fonológico e lexical são mais sensíveis a essas influências, ao passo que os níveis morfológico e sintático são menos suscetíveis. Nas palavras da autora, “os dois primeiros desses quatro domínios representam uma ‘janela’ privilegiada para interferência e influência linguística” (SANKOFF, 2001, p. 5, tradução nossa). Paralelamente a isso, Couto ([2009], 2019, p. 50) defende que o grau de semelhança entre as línguas influencia, também, nos resultados do contato linguístico, uma vez que “[...] a língua dos imigrantes italianos no Brasil e na Argentina se assimilou ao português e ao espanhol, respectivamente, muito mais rapidamente do que a dos japoneses e até a dos alemães”. Além disso, fatores extralinguísticos, como a intensidade e o tempo de contato, também devem ser levados em consideração quando pensamos nessas consequências.

Dentre os quatro tipos de contato postulados por Couto (2019, [2009]) encontramos o caso das comunidades fronteiriças. Em situações como essas, membros de uma população se deslocam, temporária ou sazonalmente, para o território de outro povo e vice-versa. Ademais, costuma haver algum acidente geográfico que aparta as duas localidades, como se observa em São Miguel do Iguaçu, separada do território argentino por um rio. Nesse caso, para irem à Argentina ou ao Paraguai, os moradores da comunidade devem tomar uma condução até a cidade de Foz do Iguaçu, todavia, apesar da mobilidade não muito favorável, o fluxo de estrangeiros na comunidade é notório.

Enquanto isso, o caso de Barracão difere-se do de São Miguel do Iguaçu tendo em vista que não há nada que separe, geograficamente, aquela comunidade do território estrangeiro. Na verdade, existe um interessante caso de conurbação entre Barracão, Dionísio Cerqueira, no estado de Santa Catarina, e a cidade argentina de Bernardo de Irigoyen. A situação do Chuí, no Rio Grande do Sul, é semelhante à de Barracão. O que separa essa comunidade do Chuy uruguaio é uma avenida que permite livre acesso de brasileiros ao Uruguai e vice-versa. Além disso, até mais do que em São Miguel do Iguaçu e Barracão, brasileiros e estrangeiros convivem de forma mais intensa no Chuí ao ponto de, na parte brasileira, haver placas em Espanhol e, na parte uruguaia, placas

em Português. Couto ([2009], 2019) relata, também, que, muitas vezes, os falantes parecem não estar conscientes de em que língua estão se comunicando. Dessa forma, é comum interferências de um idioma no outro, sobretudo do Espanhol no Português.

Pensando no argumento de Sankoff (2011) de que os níveis fonético-fonológico e lexical são mais sensíveis à interferência linguística, extraímos alguns exemplos disso de nossas entrevistas. A ocorrência a seguir é um dos casos da influência do Espanhol no âmbito do léxico do Português:

1) “Vamos cerrar a porta, né.” (BAR – Inf. 3)

O falante faz uso do verbo “cerrar” para dizer que vai fechar a porta. Outras duas ocorrências no nível fonético também foram encontradas:

2) “Não hay mais possibilidade de muita conversa pra nada”. (CHU – Inf. 3)

3) “... já é a maior cosa do mundo hoje”. (CHU – Inf. 3)

No exemplo dois, o informante faz uso da forma “hay” pertencente ao Espanhol. No terceiro exemplo, o mesmo informante não produz a palavra “coisa” como [ˈkojzɐ] e sim como [ˈkoza], um meio-termo entre a pronúncia. Embora os exemplos citados não sejam quantitativamente expressivos, julgamos importante mencioná-los, já que os municípios analisados neste estudo possuem relações, cada um a seu modo, com comunidades hispânicas. Portanto, é indispensável que o contato linguístico e sua própria natureza intercultural sejam abordados em trabalhos que se comprometem a descrever o Português falado em áreas onde o idioma convive com outras línguas e tentar estabelecer as relações que há entre a formação das comunidades e os resultados da pesquisa. Isso deve ser feito ao final, mesmo se os resultados forem similares aos de outras cidades não fronteiriças.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, foram coletados 1.762 dados de *R* em coda silábica externa nas comunidades estudadas: 479 em São Miguel do Iguaçu (PR); 530 em Barracão (PR) e 753 no *Chuí* (RS). O Gráfico a seguir expõe os índices de aplicação do apagamento nos três municípios, discriminando verbos e não verbos.

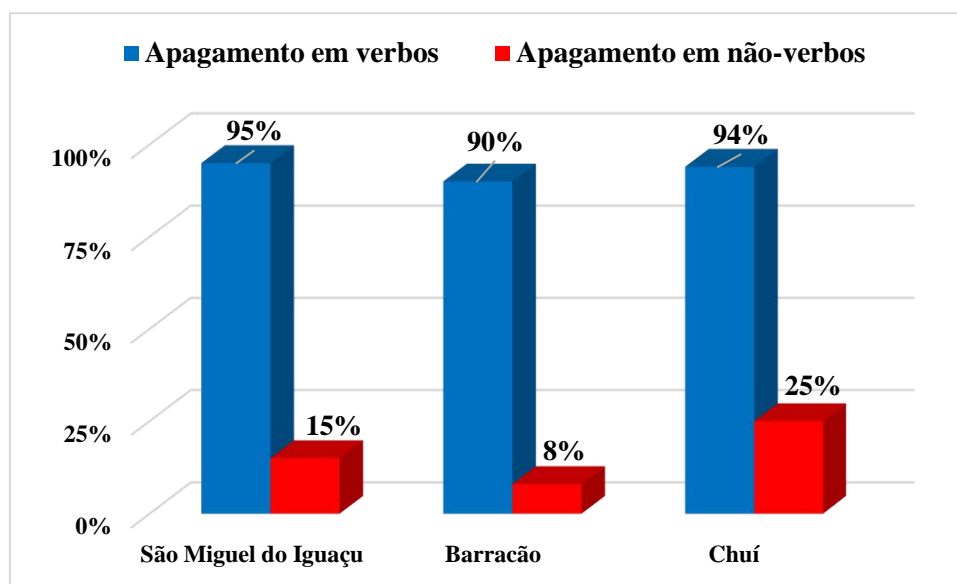


Gráfico 1: Percentuais de apagamento do rótico em coda silábica final de acordo com a classe morfológica nas três comunidades estudadas.

Como já esperado, verificamos os altos índices de cancelamento em verbos, não havendo uma distinção muito flagrante entre os percentuais de cada um dos municípios. Além disso, em verbos, nas três comunidades os *inputs* gerais de aplicação da regra foram altos: .95 em São Miguel do Iguaçu (sig.: 0.008); .90 em Barracão (sig.: 0.018); e .94 em Chuí (sig.: 0.018). Por outro lado, tratando-se dos não verbos, os índices ainda são considerados baixos – apenas 15% em São Miguel do Iguaçu (*input* .15; sig.: 0.003); 8% em Barracão (*input* .08) –, tendo o Chuí (25%; *input* .25; sig.: 0.025) o percentual mais alto, nessa categoria. Pela leitura desses resultados, é possível dizer que estamos diante de uma mudança sonora em curso, visto que o apagamento em coda final de verbos já é, em termos labovianos, semicategórico e, na categoria dos não verbos, são registrados índices de cancelamento em elevação, mas que caracterizam, prototipicamente, uma regra variável.

Comparando os resultados desta pesquisa com os de Oliveira (2018), que também analisa comunidades interioranas, vemos que os dois trabalhos estão em

consonância no que diz respeito aos altos índices de apagamento em verbos e aos relativamente baixos percentuais em não verbos. O estudo de Santana (2017) também mostra que o cancelamento está mais avançado na primeira categoria do que na segunda. Nesse sentido, podemos afirmar que, tratando-se de não verbos, a Região Sul parece resistir à implementação da regra de apagamento. Contudo, como veremos no quadro resumitivo 1 (seção 5), o cancelamento avançou no decorrer dos anos. Os índices mais baixos de cancelamento final em não verbos na Região Sul, em relação aos verbos, na mesma região, e em relação às demais regiões do país (ver Cartas F04 C1 e C2 do ALiB, expostas na introdução deste trabalho), de forma geral, fornecem um rico campo para a investigação no âmbito das teorias explicativas da mudança sonora, mais especificamente, pelo confronto entre a hipótese neogramática e a hipótese difusionista da mudança. De toda forma, a discussão nesses termos foge ao escopo desta monografia.

Nas próximas linhas, apresentaremos as variantes produzidas quando o segmento é mantido. Além disso, serão discutidas as variáveis apontadas como favorecedoras do apagamento nas três comunidades.

4.1 O R EM CODA SILÁBICA FINAL NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU (PR)

Nas entrevistas de São Miguel do Iguazu, coletamos, na classe dos verbos, 362 ocorrências de *R* em coda silábica externa, havendo a perda desse segmento em 344 casos (95%) e a realização em apenas 18 casos (5%). Nos não verbos, recolhemos 117 dados, dos quais apenas 18 (15%) foram de apagamento e 99 (85%) de realização. A tabela a seguir mostra as variantes mais produtivas no município nas duas categorias:

Tabela 1: Distribuição das variantes do *R* em coda silábica final em verbos e não verbos, respectivamente, no município de São Miguel do Iguazu (PR).

Variantes em verbos	Oco. /total	%
Aproximante retroflexa	10/18	56%
Tepe alveolar	8/18	44%
Variantes em não verbos	Oco. /total	%
Aproximante retroflexa	77/99	78%
Tepe alveolar	22/99	22%

Observa-se que, assim como apontado em Oliveira (2018), duas variantes predominam no interior paranaense: a aproximante retroflexa e o tepe alveolar. No caso de São Miguel do Iguaçu, nos verbos, a diferença percentual entre essas duas formas de produção não é muito expressiva (56% na primeira e 44% na segunda), mas os índices de zero fonético são altos (95%). Entretanto, analisando os casos de não verbos, percebemos que existe uma forte presença do r-retroflexo (78% para apenas 22% de tepe alveolar), o que nos permite afirmar que essa variante é a mais produtiva entre os são-miguelenses.

Em uma primeira rodada, as variáveis apontadas como favorecedoras à regra de apagamento em verbos foram *o contexto fonético antecedente e a forma verbal*.

No que concerne à primeira variável selecionada, podemos perceber que os verbos em [e] são mais propensos a sofrerem perda segmental (PR .79). Das 116 ocorrências com essa vogal – 115 sendo de apagamento – 24 são do verbo “dizer”, 17 vezes do verbo “ser”, 16 do “ter”, 13 do “fazer”, 9 de “responder”, 7 de “comer” e 6 vezes o verbo “ver”. Outros dezessete exemplos de verbos em [e] encontrados nas amostras (três ocorrências ou menos) também sofreram a perda segmental. Ademais, embora com peso relativo de apenas 0.39, dos 186 verbos em [a], 177 foram de cancelamento. Os dados com [o] foram os que mais retiveram o segmento, ocorrendo o zero fonético em apenas um dado dos nove coletados.

Tabela 2: Distribuição do apagamento do R em coda silábica final em verbos no município de São Miguel do Iguaçu (PR), de acordo com o contexto fonético antecedente.

Vogal do núcleo	Oco. /total	%	P.R.
[e]	115/116	99%	0.79
[a]	177/186	95%	0.39
[o]	1/9	11%	0.00

Exemplos:

- 1) “Apesar de se[Ø]trabalhoso, eu gosto muito da planta de fumo.” (SMI – Inf. 3)
- 2) “Duda, lava as mão e vem almoça[Ø].” (SMI – Inf. 2)
- 3) “Tipo, vamo supoR que tá só os filhos aqui...” (SMI – Inf. 4)

Esse cenário vai ao encontro dos resultados de Oliveira (2018). De fato, parece que, bem como já argumentam Callou (1987) e Brandão, Mota & Cunha (2003), vogais

com o traço [+ arredondado] – ou seja, [ɔ], [o], [u] – inibem o apagamento, ao passo que vogais [- arredondado] – [a], [ɛ], [e], [i] – estimulam o processo.

Partindo para a segunda variável selecionada, *a forma verbal*, os resultados indicam que os percentuais de apagamento, em formas infinitivas e não infinitivas, são os mesmos. No entanto, verbos no infinitivo desfavorecem a regra (P.R. 0.42), enquanto verbos no futuro do subjuntivo e no presente do indicativo a favorecem (P.R. 0.98). Embora o peso relativo atribuído às formas infinitivas esteja mais próximo do neutro, não resta dúvidas de que o apagamento do *R* está amplamente difundido nessa forma verbal, sobretudo porque o rótico representa uma marca morfológica redundante (co-ocorrendo com o acento lexical), assim como no futuro do subjuntivo e no presente do indicativo.

Tabela 3: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em verbos no município de São Miguel do Iguaçú (PR), de acordo com a forma verbal

Forma verbal	Oco. /total	%	P.R.
Não infinitivo	21/22	95%	0.98
Infinitivo	323/340	95%	0.42

Exemplos:

- 4) “Ela que[Ø]que eu saia de lá?” (SMI – Inf. 1)
- 5) “Vou ver se eu lembro até acaba[Ø].” (SMI – Inf. 2)

Em um segundo momento, realizamos uma rodada estatística sem levar em consideração o contexto fonético antecedente. Nesse caso, somente o sexo do informante foi apontado como relevante para o apagamento (sig.: 0.017), como pode ser conferido na tabela a seguir, em que tanto homens quanto mulheres tiveram altos índices de cancelamento. Contudo, enquanto o sexo masculino apresenta um peso relativo de 0.37, o feminino alcançou 0.73.

Tabela 4: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em verbos, no município de São Miguel do Iguaçu (PR), de acordo com o sexo do informante.

Sexo	Oco. /total	%	P.R.
Feminino	126/128	98%	0.73
Masculino	215/234	93%	0.37

Exemplos:

- 6) “Tem que monta[Ø]no cavalo.” (SMI – Inf. 4)
- 7) “... aonde as formiga vão devora**R**...” (SMI – Inf. 3)

O fato de as mulheres liderarem o processo vai contra a hipótese de que elas implementam menos variantes estigmatizadas. Da mesma forma que o apagamento já está bastante difundido na fala tanto de indivíduos mais escolarizados quanto de menos escolarizados (CARDOSO *et al*, 2014), e parece não mais sofrer estigma, o mesmo ocorre em relação ao sexo do informante.

No que tange às variáveis selecionadas para não verbos, apenas o contexto fonético antecedente foi apontado como relevante (sig.: 0.003). A tabela a seguir resume esse cenário:

Tabela 5: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em não verbos, no município de São Miguel do Iguaçu (PR), de acordo com o contexto fonético antecedente.

Vogal do núcleo	Oco. /total	%	P.R.
[ɛ]	8/18	44%	0.87
[e]	1/4	25%	0.75
[a]	5/27	18.5%	0.70
[ɔ]	1/20	5%	0.32
[o]	2/47	4.3%	0.28

Exemplos:

- 8) “O marido que trai a mulhe[Ø]?” (SMI – Inf. 1)
- 9) “Muito calo**R**. Principalmente aqui na nossa região” (SMI – Inf. 3)

Novamente, verifica-se que vogais de traço [- arredondado] tendem a favorecer o apagamento, com altos pesos relativos. Os segmentos [ɔ] e [o], por outro lado, retêm o R, desfavorecendo a perda segmental.

4.2 O R EM CODA SILÁBICA FINAL NO MUNICÍPIO DE BARRACÃO (PR)

371 dados de verbos foram coletados nas gravações de Barracão, sendo 334 (90%) de apagamento do rótico e apenas 37 (8%) de manutenção do segmento. No caso dos não verbos, dos 159 dados houve apenas 13 (8%) ocorrências de cancelamento, enquanto os demais 146 (92%) foram de manutenção. Vale ressaltar, também, que para essa segunda categoria não houve seleção de nenhuma variável, já que o apagamento ainda é incipiente. A seguir, podemos verificar a distribuição das variantes:

Tabela 6: Distribuição das variantes do R em coda silábica final em verbos e não verbos, respectivamente, no município de Barracão (PR).

Variantes em verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	30/37	81%
Aproximante retroflexa	7/37	19%
Variantes em não verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	96/146	66%
Aproximante retroflexa	49/146	33%
Fricativa glotal	1/146	1%

Em Barracão, diferentemente do que foi observado em São Miguel do Iguçu, o tepe alveolar predomina sobre o r-retroflexo. Nas duas classes aquela variante é a mais produtiva. Apesar disso, o aproximante retroflexo não deixa de se fazer presente. Apenas uma ocorrência de fricativa foi encontrada, talvez em função da proximidade com o estado de Santa Catarina, onde essa variante está bastante difundida. (SANTANA, 2017; OLIVEIRA, 2018).

Tratando-se dos verbos, o programa estatístico apontou, nesta ordem, as seguintes variáveis como relevantes para a perda segmental a dimensão do vocábulo, a faixa etária e o sexo do informante. Começando pela primeira variável selecionada, pudemos observar que vocábulos polissílabos tendem a sofrer mais a perda segmental, com peso relativo de .59, enquanto isso, palavras monossilábicas tem mais propensão à

manutenção do rótico, com peso relativo desfavorecendo o cancelamento (.19). Isso parece confirmar a hipótese da saliência fônica, segundo a qual, em vocábulos menores, o rótico tem maior saliência, portanto, maior probabilidade de manutenção.

Tabela 7: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em verbos, no município de Barracão (PR), de acordo com a dimensão do vocábulo.

Dimensão do vocábulo	Oco. /total	%	P.R.
Polissílabo	277/293	94.5%	0.59
Monossílabo	57/78	73%	0.19

Exemplos:

- 10) “Não consigo arruma[Ø]mais emprego.” (BAR – Inf. 1)
 11) “Pode se R , né, pode ser.” (BAR – Inf. 4)

No que diz respeito às variáveis sociais selecionadas, podemos observar que falantes mais jovens (PR .74) propiciam a perda segmental, ao passo que informantes mais velhos (PR .37) retêm o segmento. Além disso, em oposição ao observado em São Miguel do Iguaçu, os homens (PR .63) lideram a mudança linguística.

Tabela 8: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em verbos, no município de Barracão (PR), de acordo com a faixa etária do informante.

Faixa etária	Oco. /total	%	P.R.
Mais jovem	119/123	97%	0.74
Mais velho	215/248	87%	0.37

Tabela 9: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em verbos, no município de Barracão (PR), de acordo com o sexo do informante.

Sexo	Oco. /total	%	P.R.
Masculino	151/159	95%	0.63
Feminino	189/212	86%	0.39

Exemplos:

- 12) “Dá pra faze[Ø]paçoca, amendoim...” (BAR – Inf. 1)
 13) “Porque simplesmente vai se mante R com leite, né” (BAR – Inf. 4)

4.3 O R EM CODA SILÁBICA EXTERNA NO MUNICÍPIO DE CHUÍ (RS)

Nas gravações do Chuí, recolhemos 521 dados em verbos, dos quais 490 foram de cancelamento (94%) e somente 31 (6%) de manutenção do rótico. Em não verbos coletamos 232 dados, sendo que apenas 59 dessas ocorrências sofreram perda segmental (25%) e 173 (75%) foram de realização do *R*. A Tabela a seguir exhibe as variantes encontradas no município:

Tabela 10: Distribuição das variantes do *R* em coda silábica final em verbos e não verbos, respectivamente, no município do Chuí (RS).

Variantes em verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	24/31	77%
Aproximante retroflexa	7/31	23%
Variantes em não verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	147/173	85%
Aproximante retroflexa	18/173	10.4%
Fricativa glotal	4/173	2.3%
Vibrante múltipla alveolar	4/173	2.3%

Vemos que, em verbos, assim como ocorreu em São Miguel do Iguazu e Barracão, as formas de produção do rótico se restringem ao tepe alveolar e à aproximante retroflexa, sendo a primeira variante a favorita entre os indivíduos barraconenses e chuienses na categoria verbal. Entretanto, em não verbos, Chuí foi o município que apresentou maior variedade na produção do rótico, embora o tepe alveolar continue sendo a variante mais produtiva.

O programa estatístico indicou as variáveis *contexto fonético antecedente* e *contexto subsequente* como condicionantes à regra de apagamento em verbos (sig.: 0.006).

Como já esperado, os verbos em [a] e [e] são mais propensos à perda segmental com PR. de .64 e .52, respectivamente. Os três verbos de primeira conjugação mais frequentes na amostra foram “falar” (33 vezes), “tomar” (16 vezes) e “trabalhar” (14 vezes). No caso dos de segunda conjugação, “ser” (50 vezes), “fazer” (25 vezes) e “dizer” (17 vezes) foram os produtivos. Embora pareça se confirmar a hipótese de que vogais menos arredondadas condicionam mais o apagamento do rótico, como indicado em Callou (1987) e Brandão, Mota e Cunha (2003), cabe lembrar que, tratando-se dos

verbos do Português, são muito frequentes vocábulos dessa classe terminados em –ar e em –er, enquanto isso, verbos em –ir (e suas exceções terminadas em –or, como “por”) não são tão comuns, por isso não se pode afirmar, com exatidão, que a seleção dessa variável tenha necessariamente a ver com a qualidade da vogal do núcleo. Parece que o que está em jogo aqui, então, é a frequência de determinados itens lexicais nas amostras de fala.

Tabela 11: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético antecedente.

Vogal do núcleo	Oco./total	%	P.R.
[a]	265/268	99%	0.64
[e]	159/162	98%	0.52

Tabela 12: Lista de verbos mais frequentes coletados nas entrevistas do Chuí (RS).

Verbos em [a]	Frequência	Verbos em [e]	Frequência
Falar	33x	Ser	50x
Tomar	16x	Fazer	25x
Trabalhar	14x	Dizer	17x

Exemplos:

- 14) “Ela ia trabalha[Ø]de empregada doméstica” (CHU – Inf. 3)
- 15) “Doutor, quando vou te[Ø]minha alta?” (CHU – Inf. 4)

A segunda variável selecionada foi *o contexto subsequente*. Segundo o programa estatístico, quando se tem contexto subsequente de consoante, o rótico tende a ser cancelado com peso relativo de .60. Por outro lado, em contexto de pausa, o *R* tende a ser produzido com baixo peso relativo de .31, desfavorecendo, portanto, a regra de apagamento.

Tabela13: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto subsequente.

Contexto subsequente	Oco./total	%	P.R.
Consoante	319/334	95.5%	0.60
Pausa	171/187	91.4%	0.31

Exemplos:

- 16) “É tão boa de come[Ø], bem doce” (CHU – Inf. 3)
 17) “Pode ser o que fo**R**” (CHU – Inf. 4)

Vale ressaltar a relação do contexto fonético subsequente com a fronteira de constituinte prosódico, variável também observada neste estudo e em pesquisas recentes (CALLOU; SERRA, 2012; SERRA; CALLOU, 2013, 2015; SANTANA, 2017; OLIVEIRA, 2018). Embora a fronteira de constituinte prosódico não tenha sido selecionada como relevante para o apagamento, o fato de o contexto subsequente de consoante ter sido apontado como favorecedor à perda segmental enquanto a pausa seria inibidora não é por acaso. Este último contexto é uma pista prosódica relacionada à fronteira de sintagma entoacional, *locus* da ocorrência de acento tonal nuclear da frase. (SERRA; CALLOU, 2015). Portanto, o *R* tende a ser mantido na fronteira mais alta de IP, estando acompanhada de pausa, ao passo que, em fronteiras mais baixas, como de palavra prosódica e sintagma fonológico, o rótico tem mais chances de ser cancelado.

Referentemente aos não verbos, apenas *o contexto subsequente* foi apontado como favorecedor da regra variável em análise. O contexto subsequente de consoante se mostrou, novamente, favorecedor ao apagamento. O de pausa, por outro lado, o inibe.

Tabela14: Distribuição do apagamento do *R* em coda silábica final em não verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto subsequente.

Contexto subsequente	Oco./total	%	P.R.
Consoante	30/59	38%	0.60
Pausa	29/114	20%	0.43

Exemplo:

- 18) “Douto[Ø], quando o senhor vai liberar meu filho?” (CHU – Inf. 2)
 19) “Não tem luga**R**” (CHU – Inf. 1)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado anteriormente, nosso objetivo com esta pesquisa é contribuir para a empreitada do mapeamento do processo de cancelamento do rótico em coda silábica externa em verbos e não verbos a partir do *corpus* do Projeto ALiB, em municípios do interior da região Sul do Brasil. Nesse sentido, este trabalho está na mesma esteira da pesquisa de Santana (2017), que observa o apagamento nas capitais do Sul, e de Oliveira (2018), que analisa a perda segmental no interior da mesma região. Ao selecionarmos cidades fronteiriças, desejávamos observar se os índices de apagamento e as variantes produzidas seriam diferentes dos encontrados em outros municípios interioranos, porém afastados das fronteiras.

Ao que parece, a situação de bilinguismo das regiões fronteiriças não parece ter influência nos índices de apagamento já que, como observado nas seções anteriores, os percentuais encontrados por Oliveira (2018) não diferem muito dos desta pesquisa. O que se pode afirmar, indubitavelmente, é que, tratando-se de não verbos, a Região Sul ainda é mais conservadora, pois, nessa categoria, são baixos os índices de perda segmental, prevalecendo variantes de traço [+ anterior]. No caso dos verbos, o apagamento está bastante avançado.

O r-retroflexo e o tepe alveolar se mostraram as variantes mais produtivas nos municípios aqui estudados, havendo poucas ocorrências de outras formas de produção. A presença do tepe alveolar pode ser explicada pela forte colonização italiana na Região Sul, já a persistência do aproximante retroflexo é provavelmente resquício do desbravamento de bandeirantes paulistas, sobretudo na região que hoje constitui o estado do Paraná. É interessante ressaltar que, embora o chamado r-caipira não receba tanto prestígio quanto as outras formas de produção do rótico, ainda se faz presente, mesmo em municípios onde o tepe alveolar é claramente a variante mais usada, como é o caso do Chuí. É digno de nota, também, que, diferentemente do observado por Callou (1987) para o dialeto carioca, nas comunidades aqui estudadas a mudança de ponto e modo de articulação do rótico não constitui uma etapa necessária para implementação do zero fonético, constituindo, então, uma mudança sonora abrupta.

As rodadas estatísticas inferenciais sugerem que o contexto fonético antecedente é uma variável bastante influente para o fenômeno do apagamento do rótico. Ainda nos faltam, no entanto, as ferramentas necessárias para uma análise que verifique a influência da frequência lexical. Essa constitui uma das etapas futuras do nosso projeto de pesquisa.

Esperamos ter contribuído de alguma forma, para a descrição do Português Brasileiro, especialmente da língua falada no interior do Sul. A tabela a seguir, que finaliza esta monografia, resume o avanço do processo de apagamento do rótico no decorrer do tempo no falar sulista, além de expor as variantes mais produtivas nas amostras de fala. Por meio deste painel, podemos atestar que o grupo de pesquisa do ALiB-Rio tem contribuído na tarefa descritiva do cancelamento do rótico pelos interiores do Brasil.

Quadro1:Avanço do processo de apagamento do R, em cidades da região Sul, da década de 1970 até os anos 2000 (Adaptado e ampliado com base em OLIVEIRA, 2018)

Década	Pesquisa	Localidade e corpus	Apagamento	Variante
Década de 1970	Callou e Moraes (1995), Callou, Leite e Moraes (1996)	- PORTO ALEGRE (RGS) - Dados do NURC da década de 70 (apenas falantes com nível superior)	- 37% de apagamento geral em coda final - 49% de apagamento em verbos e 14% em nomes	- Predomínio da vibrante simples (tepe)
Década de 1990	Monaretto (2002)	- Capitais da região Sul - Dados do VarSul: gravados entre 1988 e 1996 (falantes mais e menos escolarizados)	- 40% de apagamento em coda - 25% em coda medial e 65% em coda final - 81% em verbos, 20% em palavras funcionais e 5% em não-verbos - 40% de apagamento em CURITIBA (PR), 47% em PORTO ALEGRE (RGS) e 70% em FLORIANÓPOLIS (SC)	- Tepe e vibrante alveolar
	Silveira (2010)	- Interior da região Sul - Dados do VarSul: gravados entre 1988 e 1996 (falantes mais e menos escolarizados)	- 2% de apagamento em coda medial e 68% em coda final - 86% em verbos no infinitivo, 7% em não-verbos. - BLUMENAU (SC): 68% de apagamento em verbos e não-verbos em conjunto. - LAGES (SC): 68% em verbos e não-verbos em conjunto. - LONDRINA (PR): Apagamento nulo em coda medial e 69% em coda final (verbos e não-verbos) -86% em verbos no infinitivo e 7% em não-verbos -68% de apagamento em	

			<p>verbos e não-verbos em conjunto</p> <p>- PATO BRANCO (PR): 2% em coda medial e 67% em coda final (verbos e não-verbos) 67% de verbos e não-verbos em conjunto -86% em verbos no infinitivo e 7% e não-verbos</p>	
2000 – 2010	<p>Santana (2017) e Oliveira, Santana, Xavier e Serra (2018)</p>	<p>- Capitais da região Sul</p> <p>- Dados do ALiB gravados no início do século XXI (falantes com ensino fundamental, completo ou incompleto, e falantes com ensino superior)</p>	<p>- CURITIBA (PR): 87% em verbos e 5% em não-verbos</p> <p>- FLORIANÓPOLIS (SC): 94% em verbos e 41% em não-verbos</p> <p>- PORTO ALEGRE (RGS): 86% em verbos e 7% em não-verbos</p>	<p>- CURITIBA (PR): tepe</p> <p>- FLORIANÓPOLIS (SC): fricativa velar e tepe</p> <p>- PORTO ALEGRE (RGS): tepe</p>
	<p>Oliveira (2018) e Oliveira, Santana, Xavier e Serra (2018)</p>	<p>- Interior da região Sul</p> <p>- Dados do ALiB gravados no início do século XXI (falantes com ensino fundamental, completo ou incompleto, e falantes com ensino superior)</p>	<p>- CRICIÚMA (SC): 97% em verbos e 22% em não-verbos</p> <p>- LAGES (SC): 87% em verbos e 6% em não-verbos.</p> <p>- CAMPO MOURÃO (PR): 90% em verbos e 3% em não-verbos</p> <p>- GUARAPUAVA (PR): 94% em verbos e 11% em não-verbos</p>	<p>-CRICIÚMA (SC): Aproximante retroflexa</p> <p>- LAGES (SC): tepe</p> <p>-CAMPO MOURÃO (PR): aproximante retroflexa</p> <p>- GUARAPUAVA (PR): aproximante retroflexa</p>
	<p>Pesquisa atual</p>	<p>- Interior da região Sul</p> <p>- Dados do ALiB gravados no início do século XXI (falantes com ensino fundamental, completo ou incompleto)</p>	<p>- SÃO MIGUEL DO IGUAÇU (PR) 95% em verbos e 15% em não-verbos.</p> <p>- BARRACÃO (PR) 90% em verbos e 8% em não-verbos.</p> <p>- CHUIÍ (RS) 94% em verbos e 25% em não verbos</p>	<p>- SÃO MIGUEL DO IGUAÇU (PR): aproximante retroflexa e tepe</p> <p>- BARRACÃO (PR): tepe e aproximante retroflexa</p> <p>- Chuí (RS): tepe, aproximante retroflexa, fricativa glotal e vibrante múltipla</p>

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Comitê Nacional do ALiB (Brasil). Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001. Londrina: Editora da UEL, 2001.

BRASIL. Comitê Nacional do ALiB (BRASIL). Atlas Linguístico do Brasil: questionário2001/ Comitê Nacional do projeto ALiB – Londrina: Ed. UEL, 2001.

CALAZANS, P.C. A marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português de contato dos guaranis do Espírito Santo. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2018.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. Revista do GELNE. v. 14, n. especial, 2012, p. 41-58.

CALLOU, D. Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED, 1987.

COUTO, H. H. Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno, M^a Marta Pereira e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. Principles of linguistic change. Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. Principles of linguistic change. v 2. Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. (1994) *Principles of linguistic change*. Vol. 1. Cambridge: Blackwell.

— (2003) Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B. & TUCKER, G. R. (eds.) *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell. p. 234-50.

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: LABOV, W.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2017, cap. 1, p. 9-14.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante: representação e análise sociolinguística. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

MONARETTO, V. N. O. Um reestudo da vibrante: análise variacionistas e fonológica. 1997. Tese (Doutorado em Letras). PUCRS, Porto Alegre, 1997.

OLIVEIRA, I. C. Os róticos em coda silábica externa: o interior da região Sul no projeto ALiB. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, A.; SMITH, E. GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SERRA, C. & CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, 2013, p. 585-594.
- SERRA, C. & CALLOU, D. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. *In*: DOMINICIS, A. D. (org.). *pS-prominences: Prominences in Linguistics. Proceedings of the International Conference*. Viterbo: Disucom Press, 2015, cap. 6, p. 96-113.
- SANTANA, M. O. *R* em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. 5 ed. Nova York: Mouton Publishers, 1968.